

# Alma Negra

Marcio Guerrero.

**PRÓLOGO.**

Naquela noite excepcional. **Zana Movarid Davis** despertou-se por uma sorte única, da dolorosa e fria sensação de dormência, ou por uma morte fria e concreta. Sentindo-se constrangidamente lesada e confusa, com uma parte de seu corpo ainda enterrada ali numa cova rasa, bastante lamacenta. Nessa determinada noite escura, sob a agressividade de uma chuva torrencial. A jovem mulher, desprovida de quaisquer forças possíveis, na razão de querer lutar. Muito trêmula, e desesperada. Forçou alguns gritos que se ecoaram no som mais alto em que se podia ouvir. Mas o vento carregava esses gritos, que se reduziam em meros sussurros. No frio da noite, a sensação de medo e terror a dominava inteiramente. Afinal que mundo tão cruel e deprimente se tornara este. Um mundo em que os crimes e os pecados eram devidamente cobrados de um modo tão severo, e sem precedência. Sem nenhuma matemática feita antes. Sem explicações. Ela sentia que era uma mulher suja, culpada e mortal. Mas sabia também que era estonteantemente bonita. Tinha consciência de ter deliberadamente traído o marido. Tudo por conta de uma ansiedade boba e imatura, uma determinação ingênua. E agora ela terminara tristemente assim. Doente e muito fraca, sem moral. Sem nenhuma razão cabível que tendesse subjugar uma explicação satisfatória ou persuasiva. No entanto o medo a dominava. Numa proporção em que seus braços e suas pernas tremiam em vibrações incontroláveis. Ela sabia que tinha dormido, mas sem saber por quanto tempo e por qual motivo. Pensava que já tivesse até mesmo morrido, e que os demônios mais horríveis tinham-na arrastada com as suas azas negras, e dadas às boas vindas. Pensava diretamente no possível castigo divino destinado a todas as almas insensatas. A todas as almas frias e pecaminosas.

A última coisa em que Zana Davis se lembrava, era de estar degustando de uma taça de vinho tinto, e depois de repente se envolvera numa dança sinistra e silenciosa. E então, o mundo inteiro se escurecia, e a dor passava a ser substituíra por uma ansiedade suave, sem igual, a boca tinha ficado seca e comprimida. Isso identificava uma grande falência de suprimento hidros, desidratação. Ela não sabia quando tinha sido a sua ultima refeição, não recordava se tinha sido a luz de vela. Não conseguia mais pensar em Donald

Park, como um amante perfeito. Ele era um grande trapaceiro, mentiroso e assassino. Como fora tão ingênua, a ponto de acreditar que este verme pudesse vir a substituir o bom marido, um Maximiliano Sandler. Um nome tão poderoso e tão respeitado, capaz de fazer tremer a terra. Este cavalheiro sim, mesmo com uma presença esporadicamente peculiar, tinha revolucionado uma parte de sua vida. Até ali...

## CAPITULO UM

**UMA DÉCADA E MEIO ANTES.** Zana Davis vivera numa infância normal, numa classe de vida submedida ou desenvolvida, em Dougrasville, uma cidade linda na (Geórgia) abandonada pela mãe, ainda quando era um bebê. Não obstante porque a mãe pudesse ter sido vil e desnaturada, mas porque a vida em que ela escolhera em questão fora recheada de drogas, promiscuidade. Aventuras e desventura. Provavelmente a própria Zana não fazia ideia de quem poderia ter sido seu pai.

Zana Davis fora carinhosamente criada pela sua tia Josephine, uma confeitira

especializada em bolos, tortas e salgados. Uma mulher feliz por sua dignidade própria, porém desprovida de uma vida conjugal sólida ou sustentável.

Uma vez que o marido atravessava as noites em farras, com prostitutas, jogos e bebidas. No término das madrugadas, ele aparecia com a cara de cachorrinho sem dono. Um dia ele se decidira a triar por um destino qualquer, e tia da pequena Zana, tirou um peso enorme sobre seus ombros. Nunca mais se optara por quaisquer outros relacionamentos, era difícil demais conseguir confiar nos homens novamente. Mas o mais importante tudo é que ela fora carinhosa com a sobrinha. A garota por fim se desabrochava no padrão normal em que se encaixavam as pessoas da classe menos destacada da cidade de Dougrasville, e dos Estados Unidos inteiro. Decorrente a essa conduta legal, ela nunca tinha sofrido em si, por qualquer espécie de preconceito, abusos, ou qualquer diminuição de

caráter, ou outros sentimento de perdas de grandes valores.

Durante a sua pré-adolescência, Zana Movarid Davis às vezes já se mostrava avançadinha, em sugestivas questões promíscuas, em tudo que se referia em certas aproximações com os garotos da sua mesma idade. O problema era que ela possuía sem igual uma formosura incomparável. Os olhos se ostentavam num castanho claro, o que lhe permitiam de vez em quando dar uma impressão ilusória de um brilho, ainda que eles fossem induzidos pela alta emoção. Tanto para uma conquista vitoriosa, ou para um sentimento se perda lastimável. No estado da Geórgia, lá na década de setenta, antes da evolução tecnológica dos meios de comunicação. As moças com a mesma idade de Zana passavam o tempo todo lendo Shakespeare, Kant, Agatha Christian, Sidney Sheldon, Ernest Hemingway, Silvia Day. Era em parte algum incentivo da escola. No início da inovação do celular, quando as ferramentas de veículo de comunicação vieram a calhar de forma disseminada sobre todas as classes. A senhorita Davis, nessa fase, já tinha vinte e cinco anos, e lecionava para um ensino fundamental. Era a mais jovem professora de todas as escolas de Dougrasville, e o diretor de lá era John Freeman. Um homem calvo e magérrimo, com um metro e noventa e um, um esqueleto gigante comandado por uma mente minuciosamente astuta, porém com uma aparência comum. Vivera num casamento contrafeito que se durara por poucos anos. Um homem de natureza improvisada, mas que se disponibilizava, de uma parte de seu tempo a jogar gamão e beber shop em frequência com os outros homens da mesma faixa etária de idade. Para não se sentir que o devido e terno compromisso com a educação o privasse de sua liberdade. Zana tinha de verdade conseguida a honra de cair nas graças deste cavalheiro. Não que o próprio Freeman fosse um sádico sexual, e tencionasse de repente persuadi-la para que ela se tornasse temporariamente sua amante. Mas toda essa visão obsessiva emanante dele em fim se direcionava a numa conclusão clara, e muito óbvia, dentro de uma ternura paternal. Tudo porque Freeman, conforme se as pessoas comentavam, ele tinha gerado somente filhos homens.

Então muitos homens e mulheres estavam lá, libertinamente

ostentando seus trajes sob as medidas. Foi num fim de semana qualquer que o diretor John Freeman fizera um convite especial à senhorita Zana Movarid Davis, para que o acompanhasse sem falta a um jantar clássico, “quase que uma cerimônia de gala” a jovem e bela professora se viu no meio de um oceano de gente grã-fino. Principalmente as damas, nas mais variadas joias raras, e com os penteados clássicos e deslumbrantes. A diversidade grandiosa da gastronomia mais cara da Geórgia se encontrava exposta numa mesa retangular de carvalho. Também para os adeptos ou viciados em bebidas alcoólicas, a cada distância de cinquenta centímetros, havia uma garrafa de vinho italiano de qualidade incomparável, de uma safra conservada e antiga, esquecida ao longo da eternidade dos deuses.

Zana definitivamente sem nenhuma outra opção sentou-se a mesa, e ficou ali imóvel, sozinha, calculando por quanto tempo mais suportaria um percentual que fosse daquela tortura. Das poucas pessoas que ela conhecia todas se engajavam nos seus vínculos, filhos, sobrinho, netos. Alguém era um ilustre membro disso, daquilo, cargos de importância, certas outras prioridades no governo, ou na sociedade. Quem fazia as regras ou quem direcionava o rumo da trajetória do mundo. Quem seria ela, quem seria seu pai?

Isso era uma coisa que ela nunca soubera.

Sua tia também não sabia.

E muito menos a sua mãe.

A professora Davis sabia que num determinado dia qualquer, ela fora aconchegada nos braços por uma mulher que cheirava á especiarias de chocolates e baunilhas. Então a vida tinha lhe abrido todas as janelas e portas incríveis. Ela mal sabia o que o destino a reservaria, e foi num final de tarde, qualquer, não muito tempo depois do advento daquele jantar. Quando o sol na cor de laranja já se extinguia além dos cumes das montanhas ao oeste. Uma mensagem desconhecida aparecia na tela do seu celular. Tratava-se de um desconhecido chamado Maximiliano Sandler, alegando ter se esbarrado involuntariamente nela durante aquele jantar. Um fato desprezioso. Mas que o sorriso tinha feito à diferença. E que por

conta deste episódio ele tivera a ousadia de pesquisa-la no facebook. Mas Zana não recordava de nada, estava tão desconsertada na ocasião, que não vira a hora de ir para casa e voltar a viver a sua realidade.

Ao se aprofundarem no bate-papo do sistema de comunicação, a jovem professora se sentia cada vez mais ansiosa e fascinada, porém precisava ainda saber no que estava se metendo. Tudo porque Maximiliano Sandler era uns vinte anos mais velhos que ela, era de Atlanta. Empresário, ex-senador da Geórgia, casado por três vezes e pai de duas filhas mulheres. Atualmente se encontrava solteiro e sem nenhum envolvimento amoroso.

Foram dias de expectativas e especulações, embora Zana tivesse gostado do perfil dele, alto e esguio, cabelo louro-prateado, sorriso franco e descontraído ao mesmo tempo. Ela calculou o que aconteceria daqui a quinze anos, quando ela tivesse quarenta ele teria sessenta. Pensou no hábito de cebola podre, será que os velhos roncavam mais que os jovens?

Decorrido o espaço de duas semanas ela aceitou um convite dele para um jantar especial. Era uma noite de sexta feira de um céu limpo e estrelado. Ele surpreendentemente tinha percorrido por mais de trinta quilômetros com o seu próprio carro, um Ford sedã cinza-claro. E o nosso ilustre cavalheiro tinha mesmo todas as suas qualidades anteriormente previstas. Durante toda a noite, ele se importou mais em ouvir as histórias contadas por ela, do que falar de si mesmo. Maximiliano Sandler felizmente não era fedorento e também não exalava nenhum odor de cebola velha e podre. Mas, no entanto, a sua voz trovoava numa especulação repensada, lenta e compassada. Subentendida no desacerto das posições humanas. Que poderia bem se definir a linha das posições sociais, tendo ele nascido rico, e se tornado poderoso no decorrer dos anos. O implícito georgiano vivia galgando sob uma cobiça cada vez mais significativa. Com bases seguras no mercado de compra e vendas, de petróleo nas ilhas do caribe, um antigo ramo de família que se seguiu adiante...

Maxi agradecera a Zana por ela ter ido ao encontro, e disse que ela

estava mais linda que do que nunca, que tinha loucamente a desejado desde a primeira vez em que a vira.

A partir daí a noite fora um verdadeiro conto de fada. Conversaram sobre coisas importantes e coisas peculiares, e por final ele lhe dera um anel de diamante, e ela aceitou sem hesitar.

Casaram-se vinte e uma semanas depois, numa cerimônia simples, sem ter sido feito qualquer tipo de acordo pré-nupcial. Mas a bela “ex-professora de Douglasville tinha um novo nome agora, “SENHORA SANDLER” e passaram a lua de mel deles numa ilha, lá pelas bandas do caribe, chamada de San Martin.

Na primeira noite de amor, Zana Davis deitou se na cama toda sensualmente revestida em rendas e sedas, na cor branca gelo, e esperou timidamente pelo marido. Embora considerando que ela tivesse sido bastante avançadinha na adolescência. Deixara de ser pura há muito tempo. Mas sem se importar com esses detalhes, Maximiliano se jogou sobre ela com uma habilidade incrível, explorando cada milímetro daquele belíssimo corpo de pele branca, macia e terna. A sensação a levava a uma loucura. Mas de repente ele parou, pôs as mãos no rosto, num gesto de derrota.

\_Desculpe minha querida. Mas acontece que a viagem foi um tanto longa e exaustiva... Você não se importa de nós deixarmos o resto para amanhã. Podemos simplesmente dormir, e...

\_Tudo bem. \_Disse ela em tom de voz desconfortante. Só que os próximos sete anos a seguir também se transcorreram assim, num relacionamento de fogo morno. Uma fachada situada em Atlanta, com as viagens de Maximiliano cada vez mais constantes, com isso a degradação da alma de Davis era cada vez mais persistente e esmagadora.

Foi então que depois de oito anos ela tomou a decisão de pedir o divórcio. Foi numa noite qualquer, no momento em que Maximiliano Sandler saía do banho pronto deitar e roncar como sempre.

\_Isso é absurdo. \_Discordara ele. \_Eu sempre lhe dei de tudo, o que está pensando em fazer com o resto da sua miserável vida. Olhe só para você, você não consegue nem ir até a esquina sozinha. A Minha decisão tomada é um não.

No dia seguinte Sandler conversou com Peter Santoro, um de seus quatorze advogados.

\_Ela enfiou na cabeça que pretende mais do que nunca se livrar de mim. E eu estou pouco me lixando para isso, mas o problema é quanto isso vai me custar?

\_Bem já que vocês não selaram nenhum acordo antes. Mas o fato é que... Consequente disso. \_Peter Santoro torceu o rosto repugnante: \_Isso vai custar o quanto que o advogado dela pedir. Ou quanto você quer que custe. Então você se livra dela de uma forma bem mais simplificada. \_Sorriu e depois deu uma piscadinha maliciosa.

Zana Movarid também arranhou uma advogada, uma jovem afro-americana, bela e esbelta, chamada Mônica. A mulher tinha sido inicialmente prestativa, ela era ainda uma iniciante no ramo e estava fadada a se tornar famosa. Fazer um trabalho grande que a consagrasse. Depois muitas conversas e cálculos chegaram a uma conclusão: Cinco milhões de dólares a proposta única.

Max estava pensativo, perambulando de um lado para o outro, nitidamente inconformado:

\_Você ficou maluca querida Zana! Para que tudo isso agora, por que nós precisamos ter que passar por isso?

\_Essa é a minha decisão Max. Preciso mudar o rumo da minha vida.

\_Droga. Droga. Droga. \_Cinco milhões de dólares... Você faz ideia do absurdo que isso significa.

\_É a minha decisão final. \_Disse ela veemente.

Max meneou a cabeça por várias vezes e depois disse:

Viajarei amanhã para o caribe. Tenho uma reunião importante de negócios, quando eu voltar nós discutiremos o assunto.

Mas isso impertinentemente se perdurou por três semanas subsequentes. Enquanto Davis amargava a solidão numa mansão de luxo, com um motorista particular, uma faxineira, uma governanta. Ela até chegou a dados momentos questionar a si ou até mesmo implicantes, diante dos caprichos de uma esposa rica e bela, mas talvez desiludida, buscando por outras fantasias que até ela mesma

especulava, se o que estava fazendo não se associava a uma atitude infantil, imatura, quaisquer outras coisas de naturezas incomuns, que existiria em sua cabecinha oca. Isso não era uma coisa real. Será que precisava experimentar uma aventura mais promiscua para suprir seus desejos, que cada dia era mais perturbador?

Mas e se ela mutualmente mudasse de ideia, e voltasse atrás. Será que Maximiliano Sandler a perdoaria? Quem sabe sim ou talvez não?

Foi então que num dia qualquer, durante a ausência de seu marido que uma nova pessoa entrou em sua vida, e de uma forma insistente, persuasiva e sedutora. Seu nome era Donald Park, tudo veio a acontecer numa velocidade inesperada. Este estranho lhe enviara uma solicitação no Facebook. O jovem aparentava ter vinte e poucos anos, moreno claro, com um rosto ligeiramente oval, sobrancelhas volumosas ou espessas, que se juntavam com os silos na mesma proporção. Ou poderia imaginar nas simples folhas de uma árvore de dormideira, que quando é tocada, se murcham num estado de dormência. O jovem Donald Park tinha os olhos num tom castanho escuro. Um olhar cético, inteligente, seguida de uma boca com os lábios esponjosos ou carnudos. Uma boca que de modo sensual também poderia demonstrar inteligência, talvez com um conteúdo de palavras anexadas. Abaixo, em até onde a foto se limitava o resto do seu perfil, o corpo se avultava esguio, constituído numa estatura alta e aparentemente com um zero percentual de gordura, fazia ele obviamente ginástica, e musculação? Como podia ser tão perfeito assim? Isso deveria ser uma pergunta para os deuses, no entanto as informações sobre ele era seguida dessa linha.

Nenhum local de nascimento.

Nenhum local de trabalho.

Nenhum detalhe sobre relacionamento.

Mergulhada numa completa solidão de uma vida vazia. Numa certa manhã, de céu limpo e de sol escaldante, pensativa, sem ter nada a fazer e por demais exaustivas. Embora tivesse os privilégios de uma rainha, sentia-se depravada, dentro de um cárcere de si mesma. Então, decidida nessa manhã, ela ligou o i-phone e entrou no Facebook, porém foi o próprio Don Park quem iniciou a conversa por

digitação.

\_Oi. Disse.

\_Oi.

Respondeu Ela:

\_Como estás?

Parecia ser um sotaque de alguém da América Central que estava digitando.

\_Você parece nova por aqui, como pude notar você é a mais bela de todas. Como se apresenta na sua vida pessoal? Está em um compromisso serio? \_É casada?

\_Sim, mas estou numa fase especulativa, eu já pedi até mesmo o divórcio.

\_E o que o seu marido disse sobre isso?

\_Que precisaria de um tempo para pensar em como desembolsar os meus cinco milhões por direito exigidos pela minha advogada.

\_Hum, Você é linda! Só que seu preço conforme pude entender, ele está além de mim. O que faria eu nessa condição? Um pobre servidor braçal, alguém que limpa toda a piscina, corta toda a grama do jardim, remove os lixos para rua, estaciona os carros e tudo mais...

\_Não parece ser verdade. \_Você é bonito, sex, e bombeado. Nota-se alguém com diversidade de livre escolha no que quiser desfrutar na vida, e não precisa ser somente um servidor braçal.

\_Muita bondade de sua parte. Mas eu simplesmente cumprio com os meus deveres, eu tenho que seguir os meus parâmetros.

\_De onde você é?

\_Willemstad.

\_Hum, uma cidade compacta, porém bela.

Zana se lembrou da sua lua de mel tempestuosa em San Martin, próximo de curaçau. Mas isso era passado, e precisava enterrá-lo.

\_Têm alguém especial por ai que tencionando roubar seu coração?

Digitou-a:

\_No. Estoy *solo*.

Digitou-o novamente.

E o quê pretende fazer comigo? O que quer de mim?

\_Somente seu corpo e sua alma.

Silencio ou pausa.

\_Tudo brincadeira, não sou um demônio, posso te dar o melhor de mim. Mas para que isso se torna real terá que me conhecer pessoalmente.

\_Assim você me deixa encabulada.

\_Relaxa senhorita, é somente uma cantada inocente feita a distância. Eu gosto das mulheres meigas, daquelas em que se deita timidamente na cama e deixa a gente despi-la com os olhos e os pensamentos, eu posso fazer isso ficar muito interessante.

\_Acho que já estou começando a me sentir úmida.

\_O que está vestindo?

\_Estou nua.

\_KKK.

\_Porque ousa zombar de mim? Acha que pareço uma mulher carente e ingênua?

\_Não! Você é a própria deusa Vênus em pessoa, e tudo que você precisa fazer ir buscar no fundo do seu interior. O caminho fantástico no auge infinito de sua respiração e o ar que entra em seus preciosos pulmões. As correntes arteriais que se dilatam, devidas as constantes pulsações. O medo que lhe assombrava antes, era simplesmente só mais uma das mentiras que criada dentro de seu subconsciente. Para assim tentar manipular os seus desejos carnis. Todas as mulheres são fortes como o ferro, mas sensíveis como a seda, e quente como a lã.

E assim com o corpo ardente em chamas vivas Zana continuou entrando no aplicativo nos dias subsequentes. \_Você é incrível. Quando podemos nos encontrar pessoalmente?

Digitou-a:

\_Não sei. Estou em Atlanta, vou ficar aqui por mais alguns dias. Talvez.

\_Então isso significa que pode ser hoje?

*“Mas porque tanta pressa”* Pensou Don

Ele olhou para o relógio na parede ignorando o marcador do celular. Eram onze e trinta e dois de uma manhã de quinta-feira de um céu nublado.

\_Não conheço nada e ninguém nesta cidade.

\_Alguém abriu um bar chinês aqui, chama-se Sunshine Kion. O ambiente é seguro e é frequentado somente por pessoas boas. Tudo que você precisa fazer é de acionar o GPS.

\_Tudo bem, eu estarei ai querida, pelas quatro e meia da tarde. Vou usar botas de cowboy e jeans, o universo inteiro abrirá as portas para nós, e eu a consagrarei em meus braços.

Park naquele dia estava cabeludo e barbudo, precisava mudar o visual. Tinha que se aparentar bonito, a sorte agora dependia somente dele.

No decorrer daquela tarde de quinta feira, Donald procurou por uma barbearia, precisava manter a aparência boa. Muito o dinheiro estava rolando, o trabalho era bom, mas ao mesmo tempo cheio de perspectivas. Se a senhora Davis não se simpatizasse com sua pessoa, o que viria acontecer depois? Uma vez que uma quantia de dinheiro já tinha sido depositada em sua conta. Mas para obter a segunda parte, era conveniente terminar o trabalho. Esperar pelas táticas do contratante. Ele decidiria a que ferramenta deveria usar no final.

## CAPITULO DOIS.

DON PARK estava a seis semanas esperando por uma chance, uma aventura nova. Estava cansado de repetir as mesmas mulheres. Seus neurônios estavam ponto de por subir pelas cordilheiras dos Andes. E sua merda de mensalidade que vinha recebendo pai verdadeiro, ou biológico parecia a cada dia mais estar minguando. Como se ele estivesse vivendo num cárcere agora. Após a viuvez, de sua mãe, embora sendo uma mulher frágil, às vezes se demonstrava chata e dominadora. Querendo barrar a sua vida de fluxo e diversão. Wanda sua querida mãe conservava as sequelas de uma vida dolorosa traçada por ilusões e mentiras perdidas. Conhecera um homem no passado cheio de promessas e sensatez. Mas a sua vida se transformara num inferno. E então começou a ingerir as bebidas alcoólicas em baldes.

Mas antes de tudo, quando deu á luz ao filho Donald, ela pensou: “Agora não estou mais sozinha”. Num mundo desumano e opaco, que lhe fizera abrir uma cratera em sua alma. Independentemente de tudo, devido a sua força de querer vencer e por fim a técnica de enxergar a crua e nua realidade de um resumo único. O mundo é tudo o que visivelmente aparenta ser. Mas o que ela poderia fazer? A vida poderia ter sido bem melhor. Isso se talvez ela própria tivesse tido mais amor próprio no fundo interno de seu ego. E se ela tivesse inteligentemente apostado em tudo aquilo que pudesse ser correto. E por fim cobrado um determinado preço. Mas ela nunca fora em si, a única exceção. Imagine quantas mulheres ainda passam pela mesma sofrida condição.

Sendo que ela simplesmente fora uma simples peguete de um jovem herdeiro de algum magnata poderoso. Quando ela revelara a ele sobre a confirmação da gravidez indesejada. Ele se mostrara completamente frio e persuadira fazer um aborto.

\_Não há um médico competente que possa resolver isso de uma vez? Será somente um aborto comum e em sua consciência não desejado, e nada mais que isso.

\_Nunca! Jamais abrirei mão de meu filho. Exijo que você o assuma e que lhe dê uma boa bonificação mensal.

O milionário em questão lhe dera uma boa grana para ela assim persuadindo a que sumisse de vez da sua vida.

Mas Wanda não quisera simplesmente parar por ali. Tinha-se tornado gananciosa agora, não tirava da cabeça a ideia de continuar arrancando mais dinheiro do cofre milionário do play boy. Com uma boa quantia que vinha recebendo, a mãe de Donald Park, tinha comprado uma casa, um carro de luxo. Vivia se divertido à beça. Até que num dia encapotara-o numa curva, conseguindo por um triz se escapar da morte, tivera ferimentos graves. O que fez a deixar mancando de uma perna. Anos mais tarde Wanda casou-se com um homem maduro. Willian Parker. Um nova-iorquino desengonçado, feio e narigudo, de movimentos lentos. Mas foi ele especificamente que se tornou o verdadeiro pai de Don.

O garoto caribenho desenvolveu a uma formosura incrível, ele

frequentou boas escolas com disciplinas rígidas, porém sensatas. E sem ser retraído. Aos dezoito anos recebera um cheque bastante significativo do pai biológico. O que resultou uma mudança radical em sua vida que antes bem mais canora. Trocou os amigos, se apoderou de proeza. Sempre sentindo o dono da noite, onde se perdia navegando num oceano de belas garotas, e muitas bebidas, cujo preço era exorbitante.

Don era semelhante ao pai, em tudo que se referiam as questões físicas. E no comportamento também. Ele era arrogante, frio e impiedoso. Adorava destruir os corações. E isso era uma qualidade sua. Uma coisa que a adorável mãe não sabia.

Donald tinha vinte e quatro anos e meios, quando Willian morreu. E tempos depois um homem alto e elegante, Usando um terno de cinco mil dólares. Este cavalheiro afirmou ser seu pai, e disse que lamentava o rumo em as vidas tinham tomado. Dissera ainda que nunca tinha amado Wanda. E que tudo tinha acontecido por um fato casual, ou um acidente de percurso.

\_E daí. Eu também teria feito o mesmo. Se achasse que pudesse ser mais conveniente. Afinal um filho indesejado acarreta devidas complicações \_Disse o jovem caribenho.

O homem vistoso sorriu satisfeito.

\_Isso quer dizer que entre mim e você não haverá nunca nenhuma mágoa e ressentimento?

\_ Nada. Nenhum. Se eu posso ser quem eu quero ser, e se eu tenho o que tenho devo tudo a você.

Os dois se abraçaram fortemente.

Daquele dia em diante eles começaram se encontrar com mais frequência. E Donald num dia qualquer espiculou-se em seus pensamentos, Se haveria a possibilidade de conseguir uma cadeira na diretoria da empresa do pai. Se isso viesse acontecer um dia. Só o tempo poderia dizer.

Don Park alcançara agora os vinte seis anos, e tinha um trabalho pesado pela frente. Ter que seduzir uma mulher casada, depois envenená-la e empurrá-la para a uma morte fria. Ele esfregou o rosto

pensativo, enquanto reparava os últimos detalhes através do espelho.

“Será que serei mesmo capaz de matar alguém”?

Deixou o hotel Hilton onde estava hospedado, e alcançou a rua, se deparando com uma Toyota Lexus NX vermelho, já com a chave já na ignição. E um GPS. Conforme tinha sido combinado antes. Don vasculhou o porta-luvas, havia um bilhete escrito em letra maiúscula. Que dizia: *“Está tudo pronto, vá até ela e faça-a sentir atraída. Entre no jogo. Quanto ao plano final, avisarei quando chegar a hora. Nunca me ligue, apenas fique com o celular sempre em condição ativa. Eu conheço cada movimento que você poça estar fazendo. Aguarde as próximas instruções. E agora destrua este bilhete sem deixar quaisquer vestígios”*.

Park rasgou em pedacinho e os botou no porta-luvas. Era de tamanha importância seguir as recomendações. O emissor estava supervisionando cada movimento seu. Quem seria esse suposto contratante?

O jovem caribenho aparentemente nervoso ligou o motor do carro e saiu em velocidade lenta. Não havia nenhuma necessidade de atropelar o destino, uma vez em que a própria presa tinha se demonstrado interesse. Parecia um trabalho difícil. Mas não tão difícil para o príncipe “DONALD”.

## CAPITULO TRÊS.

**ELA ENTROU** no bar como se estivesse num desfile de modas, e seguiu para as mesas lá do fundo. Os atendentes, e alguns homens frequentadores a secou por todo o corpo, de baixo a cima. Com os seus olhares especulativos e cobiçantes. Era impossível resistir à tentação. Alguém poderia estar pensando. Quem será o sortudo? Os olhares continuaram seguindo-a pelas costas. O corpo dela era um deslumbramento. Uma perfeição originalmente simétrica. Um amor pendente a ser conquistado. Muito brilhante e Notável sob o seu pequeno vestido preto, colado.

O jovem caribenho levantou-se de imediato com um leve sorriso:

\_Obrigado por você ter vindo Senhora Davis. \_ Beijou-lhe as mãos, e puxou a cadeira. Da forma como fazia os cavalheiros lá tempo das antigas, os ilustres representantes do romantismo.\_ Eu tinha certeza de que você era realmente real e especificamente linda, o fato é que muitas das mulheres hoje em dia costumam usar uma espécie de performances virtuais. Ou foto shop. Mas você é verdadeiramente o que é.

\_Obrigada. \_disse ela. \_Vindo de um deus das ilhas caribenhas sinto-me brilhantemente lisonjeada.

Ele sorriu, e desta vez foi mais abrangente.

\_Que você deseja beber?

Perguntou ele:

\_Tanto faz. Talvez vinho branco.

Ele acenou para o barman.

\_Você gosta de vinho?

\_Amo. E você?

\_Gosto mais de tequila. Mas hoje me disponho em te acompanhar. Você. Sua presença muda até o roteiro de um filme nórdico, épico ou clássico que seja.

Disse isso, e sorriu debilmente:

\_Meu Deus. E isso parece mesmo sério?

\_Sim.

\_Então vou tentar ir um pouco mais longe do possível. Por você eu escalaria os Andes?... Não. Não. Na verdade eu queria mesmo era me enrolar com você, sobre um tapete felpudo e macio. Ou numa cama grande. Na espera confiante de uma grande noite de prazer, rechaçada de calor e ternura. Onde os próprios deuses do tempo, ou os anjos da vida e da insurreição. Intimidar-se-iam em clamor do nosso amor. E por toda a grandiosidade do nosso ser, se possível locomovessem as suas azas celestiais. Propondo a nós. Diante dos parâmetros das possíveis legitimidades, entender e concertar todos os nossos desacertos, Todas as medidas e projetos degradados, por uma longevidade de espera. Quando em determinados momentos, às vezes tivemos medo de encarar cara a cara a pura realidade. E por conta disso, ai sobrevém o escoamento de uma fumaça negra e falsa. Sem

nenhum material de natureza concreta possa vir a estar sendo incinerado. Zana querida, eu serei todo ouvido e julgado por você. Sou Donald Park, natural de Curaçao. Com vinte e seis anos. Solteiro. Eu presto muito a legitimidade de quem eu sou. Todas as nossas conversas foram bastante ternas e significativas. Mas nunca me serei mais eu, sem que você exista. Os princípios e os meios se fundem... Eu posso até ir embora se você achar que eu devo ir. Ou se quiser optar por uma mera rejeição, que possa ser conveniente. Sem que isso se torne relevante, para vir a cobrar de dentro de sua frágil indecisão pessoal. Ou coisas que ainda estejam muito incompletas, em torno de seus sentimentos. Ou uma parte de algum desejo que ainda não se materializou em definitivo. E a minha pergunta é: O que se torna inquietante ou impactante para você, uma vez que sabe que está traindo o seu marido?

Antes de pensar numa resposta que se encaixasse com a atual situação ela precisava pensar antes no que deveria dizer. Don era um mulherengo, e com certeza a reprovaria de imediato se ela dissesse algo infantil ou imaturo. Na verdade a ex-professora Davis ainda era inexperiente em muitos aspectos relacionados em técnicas sexuais. Embora ela tivesse teoricamente apreendido as mais coisas pecaminosas em vídeos. Mesmo assim, lá no íntimo do seu subconsciente, ainda havia uma janelinha fechada que revelava uma garotinha frágil, tentando descobrir o fazer de melhor na vida. Devido ao caso dela ter-se infiltrado na educação fundamental. Para ela, a própria Davis. Ter a chance de se aproximar das crianças, isso era uma dádiva divina, e ela gostava do trabalho. Até que então surgira a oportunidade de se casar com um homem pobre de rico. Que durante os oito anos mantiveram-se esporadicamente distanciados. E ele nunca pudera lhe dar um filho. Seu medo de encarar uma nova experiência era nitidamente perceptível. Então porque precisaria ela de tentar conhecer e passar por essas especulações corriqueiras. Sair com um homem estranho. Que tinha buscado nas redes sociais. Se Maximiliano viesse a descobrir, todo o plano do inusitado divórcio milionário arquitetado correria por água abaixo. Don, o cara de vinte e seis anos que estava ali do seu lado. Poderia ser um príncipe, mas não

teria um castelo. E quando a dor do arrependimento se colidisse em cheio no seu coração, como uma flecha banhada em ácido solvente. E aí viria o sublime arrependimento de ter-se caído nas teias da tentação. Mas o cara estava ali a olhando com os olhos brilhantes, ardente em chamas. Queimando todas as suas decisões e indecisões. \_O olhar dele é torturava. Era um monstro que precisava ser domado.

\_Sinto medo.

\_Dê que?

\_De gostar muito e querer ir muito mais além. E depois quando você partir, o que restará será somente um vazio. Para dissecar uma parte da alma ingênua.

\_Nada disso, você está tentando criar um mundo paralelo, onde tudo se torna dificultoso. Mas lembre-se de que estamos em dois mil e vinte e três, e ninguém mais precisa de se preocupar com a questão de distância. As Antilhas são logo ali ao sul. Na mesma dimensão de tempo e espaço.

Zana absolveu todos os detalhes daquela citação. Ele era mesmo um monstro. O jovem caribenho tinha mesmo uma filosofia Contemporânea e clássica. As conversas eram submergidas de alguma fonte de aprendizado também clássico. Ou se preferir pode chamar também de uma educação clássica.

Quem era esse de tal Donald Park? Belo, e bronzeado na medida correta. Musculatura avultada sob a camisa negra de botões. Mas o rosto era de um demônio dos mais sombrios, persistente numa busca em satisfazer seus desejos. E os pecados incansáveis do interior vulcânico da sua mente. Uma verdadeira máquina misteriosa que nunca dorme, e que até durante os sonhos acarreta especulações fantásticas, sobre o domínio do ser.

Ela se empertigou na cadeira levando as mãos aos quadris, antes pousadas discretamente sobre a mesa.

\_Vou ser franca. \_Decidiu ela. \_Minha vida pode nesse momento estar num jogo que de fato não sei como vencê-lo, mas e quanto a você, quando todas as curiosidades se despirem, e todos os segredos do tom da ópera cessar. Vai se lembrar da minha pessoa? Quando se sentir satisfeito e realizado?